

## O Ator e a Anarquia no Teatro da Crueldade de Antonin Artaud

Maria Cristina Brito  
Unirio

**Palavras-chave:** Antonin Artaud, ator, atletismo afetivo, anarquia, poesia no espaço

Luiz de Camões, poeta renascentista português, falando do sentimento amoroso, reflete sobre a complexa relação existente entre aquele que ama, isto é, o amador, e a coisa amada, objeto de desejo do amador:

Transforma-se o amador na coisa amada,/ em virtude do muito imaginar;/ não tenho, logo, mais que desejar, / pois em mim tenho a parte desejada.// Se nela está minha alma transformada, / que mais deseja o corpo de alcançar?/ Em si somente pode descansar, / pois consigo tal alma está liada.// mas esta linda e pura semidéia,/ que, como um acidente em seu sujeito,/ assim com a alma minha se conforma, // está no pensamento como idéia; / e o vivo e puro amor de que sou feito, como a matéria simples busca a forma. (CAMÕES, Luís de. Lírica. São Paulo: Cultrix. 2004.)

Como podemos observar no soneto de Camões, a imaginação possibilita a transformação do amador na coisa amada: “Transforma-se o amador na coisa amada/ por virtude do muito imaginar”. E esse processo amoroso se dá no pensamento como idéia. E essa idéia, essa potência, esse “vivo e puro amor”, tal como a simples matéria, busca o ato, isto é, procura a forma. Assim, a partir do soneto de Camões, podemos pensar que o amor é matéria que se encontra no interior imaginário do eu lírico e busca uma forma para se objetivar no espaço. É esse também o nosso trabalho no universo do ator: transformar a matéria afetiva em forma, estabelecendo a relação de signos no espaço.

O ator, concebido por Antonin Artaud como um atleta do coração, é um eu lírico pleno de afetos, é uma potência afetiva e, tal como o eu lírico pleno de amor no soneto camoniano, é um buscador da forma. O ator, que é um atleta afetivo, atualiza a potência dos afetos e os transforma em matéria, em forma, em signos no espaço

Nesse processo, a ação do ator consiste na promoção da magia dessa transformação da potência em ato, da matéria afetiva, subjetiva, em matéria objetiva, em forma no espaço.

Nessa perspectiva, de transformação do abstrato em concreto, do afeto em matéria, considerando a encenação como uma escritura no espaço, observamos no ator a autoria de um texto, de uma escritura, de uma dramaturgia no espaço da cena. A partir da condição do ator

como dramaturgo do espaço, como poeta da cena, temos desenvolvido a pesquisa “O Ator no Teatro da Crueldade de Antonin Artaud”. Esta pesquisa consta atualmente de oito etapas de realização pedagógica, que descrevemos sinteticamente em seguida através da proposta de oito módulos de um curso estruturado sobre a função do ator na poética teatral da Crueldade:

1º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade I: Perspectivas teóricas do Teatro da Crueldade, segundo o Mito do Duplo: a peste, a metafísica, a crueldade no universo do mito.

2º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade II: Mito e atletismo afetivo: O diálogo do mito com Artaud e a dramaturgia, o reconhecimento e o exercício dos afetos míticos na perspectiva de um atletismo afetivo. A construção de uma dramaturgia afetiva no espaço. Afetos de natureza mítica na dramaturgia de Fernando Arrabal.

3º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade III: Dramaturgia e Encenação. O intertexto do Teatro da Crueldade que se objetiva na dramaturgia. Breve estudo desta intertextualidade na dramaturgia do Absurdo: Genet, Arrabal, Beckett, Ionesco.

4º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade IV: O Teatro da Crueldade e a imagem cinematográfica. Clássicos do cinema lidos na perspectiva da encenação da crueldade. Bergman, Abel Gance, Carl Dreyer, Fritz Lang, Glauber Rocha, Luis Buñuel, entre outros.

5º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade V: Mito e Dramaturgia. O reconhecimento, a partir de Nietzsche, do caráter apolíneo e dionisíaco do texto dramático e sua possibilidade de representação em imagens na encenação. A dramaturgia apolínea e dionisíaca de Michel Ghelderode.

6º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade VI: Artaud e a encenação no manicômio. Exercício de atletismo afetivo a partir do pensamento de Antonin Artaud em uma perspectiva autobiográfica depois da sua internação no asilo de Rodez.

7º. Módulo: O Ator no Teatro da Crueldade VII. Dramaturgia, Mito, atletismo afetivo e encenação. Uma leitura do mito do Fausto na perspectiva da crueldade. Fausto na dramaturgia de Marlowe, Goethe e Fernando Pessoa.

8º. Módulo O Ator no Teatro da Crueldade VIII. O sentido e a forma. Forma e sentido. A construção da identidade metafísica do concreto e do abstrato. O mito do Amor e a encenação como relação sentido e forma. no espaço.

Enfim, passando pelo mito do duplo e buscando na condição do ator a escritura da poesia no espaço, poesia esta escrita em versos com os afetos do ator, exercitamos nele o atletismo afetivo, ainda dentro do universo do mito, agora voltado para o mito do amor focalizado como uma relação de duplo. Mas o duplo investigado agora se presentifica na relação existente entre temas e formas do discurso da encenação, se pensarmos com Bakhtin e se traduz no pensamento de Artaud como uma relação que se estrutura na identidade metafísica do concreto e do abstrato. Assim, buscamos nos afetos o conteúdo abstrato que será concretizado no espaço em formas, construindo a escritura da encenação na perspectiva da crueldade.

Nesse sentido, o ator, atleta do coração, dá forma a afetos que apresentam uma natureza mítica e que são estabelecidos a partir do contato com o universo de fábulas, imagens pictóricas, poemas, textos dramaturgicos, imagens cinematográficas, etc, segundo uma relação de duplo. Nessa perspectiva, ainda, o ator persegue os afetos de natureza mítica que estão dentro dele. Persegue a sua própria mitologia, e, como no soneto de Camões, como o eu lírico do soneto, busca a forma para traduzir o mito do amor.

Por outro lado, o ator desenvolve uma relação ambivalente com os afetos na medida em que age sob o efeito deles e, simultaneamente, age sobre eles, determinando-os, modificando-os, moldando-os. Dessa luta envolta em suas complexas contradições, nasce a forma. Essa luta da criação do ator, esse combate que se trava como um parto da forma é o grande jogo do ator. Jogar no espaço da crueldade consiste em identificar e fixar no espaço a forma adequada para o resultado objetivo dessas contradições afetivas. Jogar no espaço da crueldade é promover o nascimento.

E nessa condição, de parturiente da forma, o ator se encontra com afetos que apresentam uma natureza mítica, arquetípica. Nesse nascimento, movido por contradições, o ator descobre e revela afetos que traduzem consciência metafísica do homem. O ator persegue esses afetos míticos que estão dentro dele e, como no soneto de Camões, como o eu lírico do soneto, busca a forma para traduzir esses afetos. Forma que é sempre expressão de contradições.

Nesse processo contínuo de nascimento, o atleta do coração é conduzido pelo desejo. Ao buscar a forma, o ator expressa um desejo. Desejo que busca a identidade entre o eu e o outro. Como no sentimento amoroso que, no soneto camoniano, transforma o amador na coisa amada. O ator busca a identidade entre o abstrato afetivo que existe dentro dele e o concreto objetivo, matéria formal esculpida por ele no espaço. Tal busca é um jogo de duplos: a forma é um duplo

do desejo, um duplo do afeto e simultaneamente, é um duplo do ator como um atleta do coração. O trabalho do ator é estruturar e jogar esse jogo de duplo onde os afetos são a potência do ator e a forma é o seu ato.

Estudando os mitos tentamos encontrar as formas que os atualizam, que transformam em ato a sua potência afetiva.

O desejo do atleta afetivo gera as formas que ele cria e, nesse processo, o ator se depara com mais uma ambivalência nas contradições da forma: O seu poder sugestivo de revelar e esconder. Porque as formas têm sempre um caráter sugestivo que indiciam sentidos, mas que não os esgotam. Há sempre alguma coisa mais por revelar na forma. Esse algo mais é o que dá à forma o seu caráter alegórico, metafórico, dinâmico, cujos sentidos estão sempre por ser descobertos.

Por outro lado, as formas subvertem sentidos já estratificados. É este o seu caráter anarquista e que define a singularidade de sua natureza. O ator, ao criar formas e promover a identidade metafísica entre o concreto e o abstrato, atribui novos sentidos aos signos praticando a anarquia, a subversão dos signos recriando-os, transformando-os.

Este é o caráter anarquista do atletismo afetivo do ator: subverter signos atribuindo-lhes novos significados. Dessa maneira, o ator promove através da anarquia no espaço o nascimento da poesia.

Desenvolvida há algum tempo junto a alunos colaboradores na Escola de Teatro da Unirio, é este enfim o objetivo da nossa pesquisa “O Ator no Teatro da Crueldade”: possibilitar ao ator a busca contínua da identidade metafísica do concreto e do abstrato. Através do exercício constante do complexo jogo de integração de afetos, sentidos e formas, o ator constrói na anarquia da subversão dos signos em relação, a escritura da poesia no espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Martins Fontes. 1984

CAMÕES, Luís de. *Lírica*. São Paulo: Cultrix. 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva.